

## AS NOVAS LINGUAGENS CARTOGRÁFICAS: MAPAS PÓS - REPRESENTACIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR

Débora Holz  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[debora.holz@gmail.com](mailto:debora.holz@gmail.com)

Lorena da Costa  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[lorenacosta@gmail.com](mailto:lorenacosta@gmail.com)

Mônica Regina da Silva Passos  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[monicasilva.passos@gmail.com](mailto:monicasilva.passos@gmail.com)

Thaine Ribeiro Santos  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[thaineribeiro@hotmail.com](mailto:thaineribeiro@hotmail.com)

Zenaide Francisca da Silva Almeida  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[zenayde15@gmail.com](mailto:zenayde15@gmail.com)

### RESUMO

A cartografia pós-representacional propõe novas maneiras de pensar o conceito de mapa, nela se estabelece outras formas de imaginar o espaço. As novas linguagens trazem outras possibilidades de representar o mundo e, dentro delas, é possível estabelecer outras cartografias que se opõem à cartografia hegemônica tradicional. As abordagens foram pautadas na cartografia Pós-Representacional, como um meio de pensar uma nova cartografia. As novas linguagens cartográficas trazem como proposta, a liberdade do pensamento e do imaginário no cotidiano escolar, e desta forma, o mapa seria uma ferramenta que estimularia o aluno a imaginar o mundo do modo dele. Ao relacionar o cotidiano com a construção de mapas, percebe-se que os mapas são mais que uma representação do território, são a materialização das experiências vividas. Neste sentido, os mapas são a leitura da sociedade, reflexos de temporalidades e espacialidades. Portanto, as novas linguagens cartográficas trazem novas possibilidades de representar o mundo, e podem ser um ponto de partida para reflexões mais profundas e complexas dos saberes construídos e imaginados pelos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** novas linguagens, cotidiano, mapas, imaginário.

### INTRODUÇÃO

O Ensino de Geografia conta com conjunto de linguagens para o ensino-aprendizado, uma delas é o mapa que consiste na apresentação de informações sobre a localização geográfica que comunicam e transmitem conhecimento, são a leitura da sociedade. Segundo Girardi (2012, p.43), “mapas são produções culturais de discursos sobre o território”. Harley (1991) ao apresentar o mapa mais antigo elaborado a cerca de 6000 a.C., que representa o povoado neolítico em ÇatalHoyük, na região centro-

ocidental da Turquia. O autor destaca, ainda, a importância dos mapas no processo de evolução da humanidade, evolução da cartografia, a semelhança entre culturas de povos distantes, define mapas como construções sociais, como expressões de poder/conhecimento, representação e descrição.

São diversas as técnicas para construção de mapas, desde desenhos gravado em pedras, pinturas em pele de animais, em madeira até os sistemas mais avançados da atualidade. Um mapa de ruas desenhado a mão e um mapa publicado no Google Maps<sup>1</sup>, apresentam níveis de detalhamento distintos e singularidades abertas ao imaginário.

Diante do exposto destacamos a cartografia Pós-Representacional ou cartografia contemporânea, uma cartografia que segundo Falcão (2013) é marcada por imagens, mapas sem regras cartográficas, como a ausência do norte, da legenda, da escala, entre outros, que torna o ato de mapear a valorização dos saberes construídos e vivenciados na sociedade .

O documento Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (PCN – Geografia) destaca a Cartografia como recurso para a construção e aquisição de conhecimento na análise e interpretação do espaço.

O PCN – Geografia afirma que:

A cartografia torna-se recurso fundamental para o ensino e a pesquisa. Ela possibilita ter em mãos representações dos diferentes recortes desse espaço e na escala que interessa para o ensino e pesquisa. A Geografia, além das informações e análises que se podem obter por meio dos textos em que se usa a linguagem verbal, escrita ou oral, torna-se necessário, também, que essas informações se apresentem espacializadas com localizações e extensões precisas e que possam ser feitas por meio da linguagem gráfica/cartográfica (BRASIL, 1998, pag. 33).

Nesse sentido, o principal objetivo deste trabalho é exemplificar o uso das novas linguagens cartográficas no processo de ensino-aprendizado, pensando mapas como meio de comunicação visual e representação da arte e da cultura.

## **1 MAPA COMO COMUNICAÇÃO ABERTA**

O mapa como linguagem e como meio de comunicação visual é um sistema aberto a muitas funções. E como um sistema de representação pode ser simbólico ou codificado, ele inclui possibilidades artísticas, culturais, metafóricas e exatas. A relação entre arte e realidade é medida pela subjetividade, aberta às marcas individuais, à leitura subjetiva e simbólica do mundo, e não busca espelhar o real, mas transcendê-lo, criando novas realidades por intermédio de linguagem poética.

A geografia e a arte se diferem, mas ao mesmo tempo possuem pontos em comum, quando nos referimos à leitura de um mapa artístico que é sensível e cognitivo, e que se realiza por meio de uma linguagem que pode ser poética e, ao mesmo tempo, uma manifestação da representação mental, inspirada muitas vezes nas ações do cotidiano, nas experiências, no imaginário e na memória.

Segundo Castellar (2007) “a lógica do pensamento simbólico da arte não coincide com as fronteiras demarcadas pelos processos de medição do mundo, mas sim de mediação com o mundo”. Ou seja, quando se cria um mapa artístico, este se faz por intermédio de

---

<sup>1</sup> O Google Maps é uma ferramenta disponibilizada gratuitamente na internet que possibilita a visualização de fenômenos geográficos através de imagens de satélite.

experiências do cotidiano, que se cristalizam por formas ou ideias que transmitem a visão do criador do mapa inaugurando um novo objeto (mapa) que permitirá uma leitura poética, aberta e imaginária do público, e isto independe do que se entende como uma representação do espaço de um modo convencional.

## 2 A ARTE CARTOGRÁFICA E AS NOVAS FORMAS DE ENXERGAR O MUNDO

A cartografia imita a arte a arte imita a cartografia. Dentro desta reflexão percebemos que ambas podem caminhar juntas. A cartografia se utiliza de vários elementos que compõe a arte como as variações de cor, as diferentes formas dos contornos, a sensibilidade à luz, etc. Estes objetos e formas fazem parte do processo de criação do artista (ou cartógrafo). Nesta relação, os artistas apropriam-se de elementos da linguagem cartográfica e os cartógrafos utilizam símbolos e percepções espaciais, constituídas por simbologias e signos, para elaboração de um produto de comunicação visual, que busca representar elementos concretos e abstratos.

Segundo Borges (1978, p. 117),

Além de racionalizar e medir o espaço que nos rodeia, os mapeamentos artísticos tendem a refletir os métodos de representação e as condições em que foram feitas. Eles podem até tomar a liberdade de mudar pontos de referência aos motivos inesperados. Mas mesmo se os artistas pareçam ter mais liberdade, as suas estratégias de interpretação de mapas são frequentemente muito semelhantes às dos cartógrafos [...] Considerando que a tentativa científica para descrever o mundo faz uma afirmação normativa por meio de sistemas racionais como longitude e latitude, métodos artísticos, por sua vez, usam abordagens opostas ao desafiar ou ignorar essas coordenadas.

Os mapas artísticos no cotidiano escolar seriam ferramentas importantes como novas alternativas de enxergar e interpretar o mundo, apresentando aos alunos uma cartografia inovadora e dinâmica o que pode possibilitar a abertura de novos horizontes do pensamento e do imaginário e, ao mesmo tempo, permitir uma liberdade de leitura. As novas linguagens trazem novas possibilidades de representar o mundo e, dentro delas, é possível estabelecer outras cartografias que se opõem à cartografia hegemônica tradicional.



Figura 01 – Mapa da Itália feito com macarrão.

A figura 01 é uma exemplificação dessa proposta de linguagem cartográfica, no qual a técnica utilizada composta por variados tipos de massas, cria contornos que nos permitem visualizar a Itália nele representado. O mapa sintetiza dentro dele a tradição e a cultura de um povo que os fazem reconhecidos em qualquer lugar do mundo. Essa representação traz consigo um conjunto de signos e significados, o objeto (macarrão) perdeu sua função primária (alimentar), tornando-se signo de um mapa que a princípio seria apenas um recorte fronteiro do espaço.

Assim, seu significado adquiriu uma nova configuração a partir da introdução de símbolos que permitem imaginar e pensar o espaço de outra forma.



Figura 02 – Mapa dos EUA Feito Com Lixo.

A figura 02 traz uma reflexão sobre o consumo e a produção de lixo. O contorno dos Estados Unidos é reconhecível, mas se opõe e difere de um mapa tradicional. Seu contorno preenchido com objetos descartados materializou um mapa artístico, que transmite uma crítica ao consumismo e à volumosa produção de lixo, consequência do modelo de sociedade capitalista no qual se estabeleceu os Estados Unidos. O mapa faz uma síntese dos hábitos e do modo de vida de uma nação que se apoiam em ideais de consumo massivo e ostensivo. Suas simbologias carregam os costumes de um povo, costumes que se enraizaram em sua cultura e seu modo de vida. Os objetos inseridos no mapa tornaram-se simbólicos, viraram símbolo do consumo e do desperdício, da poluição e da insustentabilidade. Transmite uma crítica ao consumo excessivo e irracional. No mapa o lixo adquiriu uma nova configuração, deixando de ser um objeto descartável para tornar-se símbolo de um mapa artístico carregado de ideologias.

### 3 A CARTOGRAFIA PÓS-REPRESENTACIONAL: POSSIBILIDADES

Segundo Harley (1991) por muito tempo só eram considerados mapas aqueles que obedeciam a padrões ocidentais. Com o passar do tempo foi possível estender e tornar mais abrangente o conceito de mapa, onde a experiência é apresentada sob a forma de signos, contextualizada em sua representação simbólica através de significados, imagens em forma de arte.

Partindo da convicção de que cada sociedade tem ou teve sua própria forma de perceber e de produzir imagens espaciais, chegamos a essa simples definição de mapa: representação gráfica que facilita a

compreensão espacial de objetos, conceitos, condições processos e fatos do mundo humano. O motivo de uma definição tão ampla é facultar sua aplicação a todas as culturas de todos os tempos e não apenas às da era moderna (HARLEY, 1991, p.7).

É importante destacar que o conceito de mapa e suas apresentações na sociedade ficaram por muito tempo presas aos moldes da cartografia tradicional, onde seu significado é visto politicamente como delimitador de fronteiras e, também, de recursos, entre outros.

Pensando ainda no conceito de mapa Deleuze e Guattari (2000, p. 21 apud Leiras, 2012, p.121) aborda de uma forma filosófica:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.

A figura 03 é um mapa extraído do site Cidade em cena - Diário de curso (2013) pode-se notar alguns pontos que se relacionam ao conceito de Harley apresentado. A mais notável é a representação no mapa de fatos humanos e sua cultura. Esse mapa é chamado mapa psicogeográfico e tendo-o como exemplo quebra-se a ideia de que mapa é apenas um instrumento de localização ou navegação como por muitas vezes foi usado.

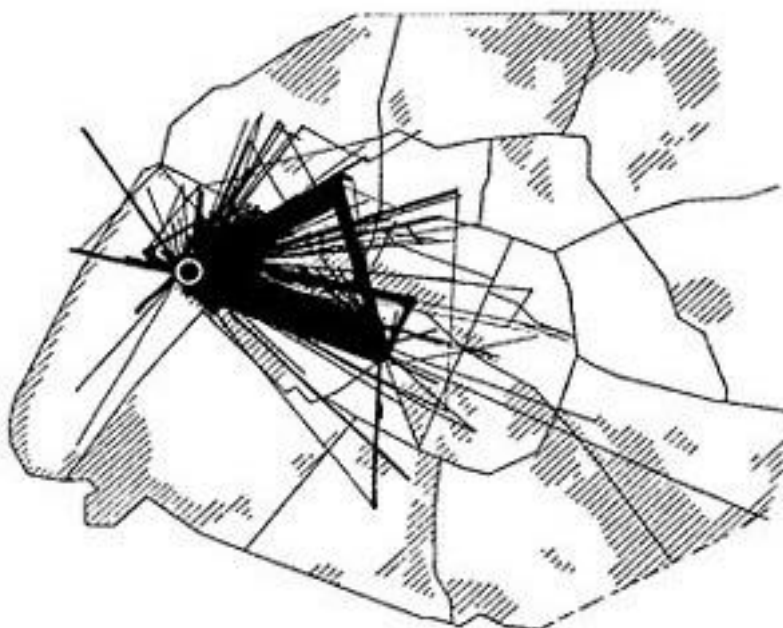


Figura 03: Mapa Psicogeográfico

Esse mapa foi elaborado para demonstrar o levantamento de todo o trajeto feito por uma estudante de Paris durante um ano. Segundo Jacques (2003), trata-se de um mapa rudimentar e experimental que despreza os parâmetros técnicos habituais, pois estes não levam em consideração aspectos sentimentais, psicológicos, e que muitas vezes podem caracterizar mais um determinado espaço do que os simples aspectos físicos, formais, topográficos ou geográficos.

Tais atribuições podem fazer parte de um momento da cartografia pós-representacional, o momento no qual passa-se a surgir buscas de novos campos de refinamento para a cartografia de modo que possibilitasse repensar as ideias de Harley. Novos estudos puderam levantar ideias que até então não eram esclarecidas e, contudo pode ser afirmada o quão ilimitada pode ser a cartografia.

A ideia de que o mapa é a representação fiel da realidade passa a ser muito discutida por vários autores na cartografia pós-representacional. Oliveira Jr (2011, p.3) expressa essa ideia quando afirma:

sigio um caminho de pensamento no qual “o real não é representável”, mas si apresentado – construído, inventado – em obras elaboradas pelas e nas linguagens. Neste caminho, os mapas seriam apresentações do espaço, realizadas pela e na linguagem cartográfica – nunca representações dele, espaço, por si mesmo – utilizando-se da cartografia e dos cartógrafos como seus porta-vozes.

O modo no qual a cartografia foi generalizada no pensamento das pessoas nos faz pensar que o espaço é uma imagem fiel do que os mapas indicam. Os mapas políticos e mapas rodoviários, por exemplo, nos traz essa ideia. Segundo Oliveira Jr (2011) tal fato tem um poder de construir no pensamento das pessoas “uma forma de regionalização do espaço”, como se tudo fosse assim, como se o espaço fosse imutável àquela representação.

O mapa apresentado na Figura 04 não possui divisões político administrativas, neste sentido o pensamento espacial pode ser compreendido como um conjunto de diversidades inter-relacionadas. Como não existem limites políticos pode-se pensar que a diversidade cultural da arte africana contempla todo seu território, indo além dos limites estabelecidos e, quando estes limites são demarcados deixa-se de enxergar além das barreiras políticas, desprezando-se a diversidade cultural e étnica da África.

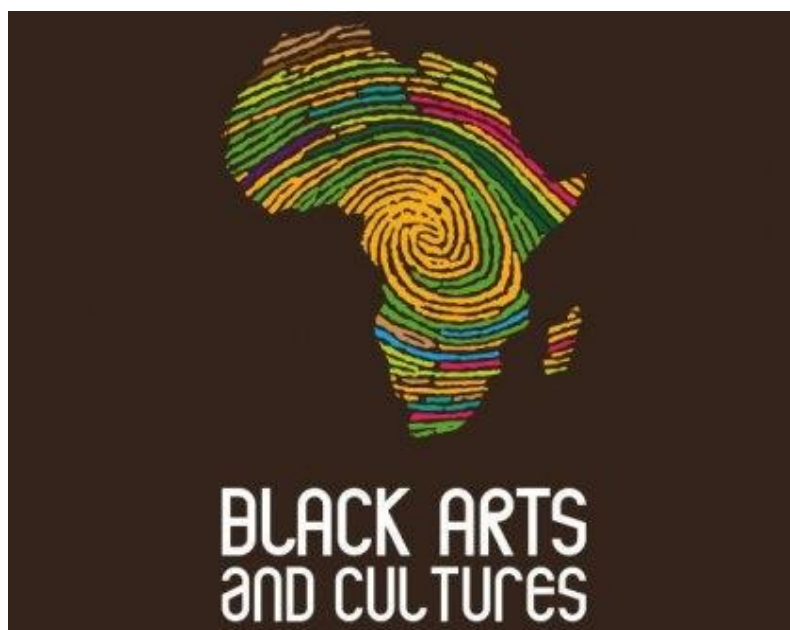


Figura 04: Mapa Cultural

Ao longo do tempo-espaço a cultura africana foi especializada em todo mundo, é uma marca globalizadora, pois está presente em diversos países do mundo resultante de fluxos migratórios, e ou colonizadores, e também fruto do tráfico de negros. Um

elemento signo de representação desta cultura são as cores que carrega traços e marcas das culturas africanas. Não somente as religiões, a cultura, a etnia, mais o conjunto de todos esses fatores definem a organização espacial de um território geográfico. Assim a cartografia apresentada no mapa nos permite enxergar o país por características culturais composta por um conjunto de histórias e povos. Neste sentido pode-se afirmar que o mapa esta evitando os limites políticos, uma vez que o pensamento é construído sobre o que está sendo apresentado e não sobre os limites cartográficos.

A figura 05 exemplifica outras técnicas da linguagem cartográfica, na qual são utilizados símbolos e imagens. A linguagem cartográfica apresentada não destaca os conjuntos de elementos da comunicação cartográfica tradicional, faz síntese das principais marcas do povo africano através de elementos presentes no mapa e da ausência de elementos como coordenadas, escala, entre outros. Neste sentido os elementos do mapa obrigam o leitor a olhar para o significado dos signos. O mapa sintetiza as negras africanas, a luta de um povo e seus símbolos. Nessa representação cada forma apresentada possui um significado que abre espaço para o levantamento de diferentes questões sócias e contextos culturais.



Figura 05: mapa cultural símbolos e signos

Segundo o mesmo autor mapas desse tipo nos possibilitam uma imaginação mais aberta e delirante, ou seja, são estes mapas que podem ser tomados como gestos na cultura e, como tais, em aberto, com devires imprevisíveis, não pautados numa história única.

OLIVEIRA JR afirma que:

Os mapas fazem, portanto, parte da ficção que o Estado cria, nos discursos de verdade que circulam entre nós. Eles, os mapas, estão a nos educar o pensamento por meio da educação dos olhos para esta ficção, uma educação que nos leva a memorizar as fronteiras políticas como a única maneira de nos movimentarmos – encontrarmos os lugares, referenciá-los, relacioná-los uns aos outros – nas obras cartográficas (pg. 4).

Deve-se pensar sobre as diferenças e potencialidades para a construção do conhecimento sobre a educação nos mapas. Segundo OLIVEIRA JR (2011) a utilização de mapas variados para temas comuns representam avanços significativos na construção do conhecimento e suas derivas imaginativas, o pensar o espaço

#### **4 O COTIDIANO E ARTE CONSTRUINDO POSSIBILIDADES NO ENSINO – EXPERIÊNCIAS VIVIDAS**

A experiência cotidiana pode ser apresentada na cartografia por meio da linguagem de signos e símbolos inseridos em um desenho, dentro de um espaço virtual aberto ao imaginário. Compartilhar espaços vividos através da tradução de pensamentos e espaços são exemplos da Cartografia Pós-Representacional, que podem problematizar os espaços construídos e inter-relacionar a construção do conhecimento de forma crítica nos alunos.

No ensino as experiências vividas podem ser trabalhadas através da produção coletiva em oficinas cartográficas, tendo, por exemplo, a produção coletiva de mapas. Nesse sentido o conceito de mapa estabelecido na cartográfica hegemônica é insuficiente para se pensar o espaço geográfico, uma vez que limita o mundo as observações de seu construtor. A construção coletiva de mapas contribui para que um espaço vivido possa ser associado, referenciado e compartilhado em vários outros espaços construídos, que contribuem e colaboram para o entendimento cultura e social de um grupo de pessoas (alunos).

Leirias (2012) destaca que é na construção coletiva onde são evidenciados diferentes contextos sociais e subjetividades.

Outra possibilidade para se trabalhar o cotidiano dos alunos na linguagem cartográfica dar-se pela prática em deriva, ou seja, experimentos que partem de experiências vividas e, também da investigação da realidade do espaço urbano.

A deriva é uma prática experimental psicogeográfica que oportuniza a investigação da realidade urbana partindo de uma experiência adquirida no espaço cotidiano. Berenstein (2003, p.22apud Leirias, 2012, p.123), afirma que deriva “Seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação de andar sem rumo”.

Em outras palavras, a deriva é uma prática de encontro e experimentos de culturas na sociedade, ela potencializa os relacionamentos das singularidades, seus vestígios podem ser encontrados nas redes sociais de computadores com o encontro de imagens e textos.

#### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procurou-se exemplificar o uso das novas linguagens no ensino aprendido através de mapas como meio de comunicação e construção do conhecimento. Abordou-se os conceitos da Cartografia Pós-Representacional, buscando perceber a linguagem cartográfica como representação da arte e da cultura.

A arte propõe práticas que abordam a poética do espaço, outros olhares, as subjetividades advindas do cotidiano. Assim, relacionar o cotidiano com a construção de mapas é bem interessante, pois os mapas são bem mais que uma mera representação do território, são a materialização das experiências vividas. Neste sentido, o mapa seria um instrumento de auto-reflexão dos indivíduos que subvertem o mundo e suas inter-relações com o cotidiano, o território, o lugar, em temporalidades e espacialidades distintas.

Os saberes dos alunos são materializados no mapa, sendo este, o produto final do processo de criação e leitura. A imaginação se cristaliza em forma de mapa, porém, a



imaginação é mais importante que o mapa, ela é abstrata sofre constantes processos de mutações, já o mapa é um objeto concreto imutável. Portanto, o mapa é instrumento criado pela imaginação, nesta relação o imaginário se sobrepõe ao objeto (mapa) criado por ela mesma, sendo o mapa apenas um ponto de partida para uma reflexão bem mais profunda e complexa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Jorge Luis. Sobre o Rigor na Ciência. In: História Universal da Infância, traduzido por Flávio José Cardoso, Porto Alegre, Globo, 1978.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- CASTELAR, Sonia Vanzella; LAVELBERG Rosa. O Desenho na Arte e na Cartografia: Diferenças e Aproximações. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n° 87, p. 149 - 166, 2007.
- FALCÃO, Wagner Scopel. Mapas são mais do que verdades: a cartografia em uma perspectiva pós-representacional a partir de experimentos em oficinas pedagógicas, 2013. Disponível em: <[http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra\\_Wagner-Scopel-Falc%C3%A3o.pdf](http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Wagner-Scopel-Falc%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 10 agosto 2013.
- GIRARDI, Gisele. Leitura de mitos em mapas: um caminho para repensar as relações entre geografia e cartografia. Revista Geografares, p. 41-50, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1162>>. Acesso em: 25 julho 2013.
- HARLEY, John Brian. A nova história da Cartografia. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, v. 19, n. 8, p 4-9, 1991.
- JACQUES, Paola B. Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas Cartografias online, arte contemporânea e outras Geografias. Revista Geograficidade, p. 115 - 133 2012. Disponível em <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/59>>. Acesso em: 22/08/2013.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. A educação visual dos mapas. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 p. 1-20. Disponível em: <[www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/.../2496](http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/.../2496)>. Acesso em: 15/08/2013.

### Site consultado:

Cidade em cena - Diário de curso. Disponível em: [www.cidademcena.wordpress.com](http://www.cidademcena.wordpress.com). Acesso em: 10/08/2013.